

Para Rockefeller, crise não impede acordo com credores

São Paulo — A crise política brasileira não vai atrapalhar o fechamento de um acordo para a reestruturação da dívida externa junto aos bancos credores privados, mas atrasa e dificulta o cumprimento das principais metas do programa econômico da equipe do ministro Marcílio Marques Moreira, como chegar a uma inflação de 10% em dezembro, retomada do crescimento econômico e aprovação da reforma fiscal pelo Congresso. A opinião é do banqueiro David Rockefeller, presidente do Conselho Consultivo do Chase Manhattan Bank, que iniciou ontem visita de dois dias ao Brasil: “Esperamos que a inflação chegue a 10% em dezembro, mas os últimos resultados têm sido desapontadores”.

O Brasil, segundo Rockefeller, está com o processo de modernização e estabilização econômica atrasado por causa das complicações políticas internas. Um fato novo que poderá ajudar a reverter esse processo seria a negociação da dívida externa com os bancos credores. “As negociações da dívida são feitas em nível técnico e por isso os problemas políticos vividos pelo País não vão atrapalhar”, afirmou Rockefeller. “Porém, o cumprimento das metas econômicas do governo poderá ser atrasado. Mesmo assim, espero que o sucesso na negociação da dívida externa possa criar uma alavanca suficiente para que as coisas comecem a andar mais rápido no País”.

“Laços firmes”

“Não importa qual seja a situação política do País, pois no momento que se chegue a um acordo, a comunidade financeira terá laços

Marcílio prevê acerto logo

Nova Iorque — Depois de garantir a um grupo de empresários e banqueiros americanos ontem, em Nova Iorque, que a política econômica em curso no Brasil não vai ser alterada, o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, anunciou que o acordo de reescalonamento da dívida externa com os credores privados vai ser assinado nos próximos dias. Na oportunidade, Marcílio explicou que a inflação ainda não baixou dos 20%, como prometido ao FMI, em função das taxas de juros, ainda elevadas, impostas pelo Governo do presidente Fernando Collor para estabilizar a economia.

mais firmes com o País”, acrescentou Rockefeller. O banqueiro, também presidente do Conselho das Américas, entidade que reúne empresários do continente, reuniu-se ontem com a diretoria do Grupo Bunge e Born e manteve rápido encontro com o governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho. Hoje, Rockefeller visita a sede do Museu de Arte Moderna do Rio e almoça com empresários cariocas. À tarde, terá reunião com o presidente Fernando Collor.

Rockefeller não se inibiu em fazer uma análise da atual situação brasileira. Para ele, o presidente Fernando Collor foi eleito com um discurso modernizante, consistente

com o que se passa em todos os países da América Latina. “Infelizmente, por causa da situação política, não foi possível caminhar tão rapidamente com seu plano”, afirmou ele. O banqueiro contou com o apoio de Robert Murphy, vice-presidente executivo do Chase Manhattan, para explicar como estão as negociações para o fechamento do acordo da dívida. Segundo Murphy, a questão central a se resolver é quanto o Brasil está disposto a desembolsar para garantir a rolagem dos títulos da dívida.

Contra os US\$ 1 bilhão anteriormente oferecidos pelo Brasil, o governo já aceita desembolsar mais US\$ 600 milhões, valor equivalente à parcela a ser emprestada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) ao país. Segundo Peter Anderson, presidente do Chase no Brasil, que também acompanha Rockefeller em sua estada no país, o principal problema brasileiro continua sendo a inflação. “O êxito na estabilização depende do ajuste fiscal, um programa que está sendo postergado, e por isso são remotas as chances de se chegar a 10% de inflação em dezembro. Além disso, a inflação brasileira está muito ligada às expectativas e nesse sentido ela se liga muito com a questão política”, disse. Durante visita ao governador Fleury, Rockefeller disse que o Chase será um dos principais financiadores do programa de privatização dos serviços públicos do Estado. No dia 2 de julho, Fleury vai anunciar todos os projetos que serão transferidos, via licitação, para a iniciativa privada. O Chase será um dos bancos a financiar os projetos de investimento.